

Super Teste 2

Áudio



Opera Consonance Droplet 5.0

► Ricardo de Marino

Recebi para meus últimos testes amplificadores, caixas acústicas e cabos; já fazia algum tempo que o Fernando Andrette não me enviava um CD *player* para ser avaliado. Não é fácil extrair música dos disquinhos prateados e esse processo representa um enorme desafio aos projetistas de CD *players*. Parece quase impossível conjugar determinadas qualidades de forma simultânea e, quanto mais barato o *player*, mais evidente isso fica. Não é raro, contudo, *players* caros ou sofisticados ‘abrirem mão’ de alguma qualidade para favorecer outras. Acredito que façam isso na esperança de nos apegarmos àquela característica que tanto nos agradau acreditando ser possível equilibrar o sistema em algum outro ponto. É a famosa ‘corrida atrás do rabo’, na qual para cobrir um buraco, fazemos surgir



outro. O **Consonance Droplet 5.0** é o segundo *player* da chinesa **Opera** que chega às minhas mãos para teste. O **CD 120**, testado há aproximadamente um ano, faz apologia à simplicidade, pois é espartano sônica, funcional e visualmente, e foi concebido para realizar a conversão digital/analgico sem *upsampling*. Ele merece respeito por assumir suas limitações e oferecer qualidades em um conjunto equilibrado e acertado. É, dessa forma, um produto honesto, que apresenta resultado coerente com sua faixa de preço. Uma diferença de custo de 2,5 vezes o separa do mais sofisticado

Droplet 5.0 e, a julgar pelos contrastes visuais entre ambos, ele deve almejar um voo muito mais alto. O ponto de partida de projeto do **Droplet 5.0** inclui conversor com *upsampling* sigma-delta para 24bit/192KHz,

projeto de circuito para um baixíssimo piso de ruído e um par de válvulas **Sovtek 6H30**, além das saídas *single-ended* e balanceadas. A maior sofisticação de projeto leva a um *jitter* inferior a 14ps, conforme declarado pelo fabricante. No *site* da **Opera-Consonance** são disponibilizados inúmeros gráficos que exibem uma série de parâmetros, como piso de ruído e distorção do *player*. Porém, aquilo que o distingue rapidamente dos demais *players* da **Opera** é a opção estética de seu projetista e fundador: Shi Hui Liu. Os materiais utilizados incluem, por ordem de

● Teste - Opera Consonance Droplet 5.0

importância no *design* do aparelho: o alumínio escovado da grande e espessa plataforma superior, que abriga ao centro a tampa redonda de acesso ao transporte e à frente e à direita os botões de comando; o corpo em madeira de aproximadamente quatro dedos de espessura, que copia com exatidão o formato ameboide da plataforma de alumínio; uma parte metálica com pintura em preto fosco, recuada em relação às anteriores, que produz separação visual entre o alumínio e a madeira por estar entre esses dois materiais. Liu criou com esse *design* a impressão do alumínio flutuar sobre a madeira; impressão somente interrompida pela moldura do *display*, também em alumínio escovado, que parte elegantemente da plataforma superior e se estende para baixo, encaixando-se de modo sutil no corpo de madeira. Completam o *design* pequenos detalhes cromados presentes no ressalto ameboide que abriga quatro botões de comando além do liga/desliga e do pegador da tampa de acesso ao transporte. O minimalismo do *design* serve como contraponto à ousadia de materiais e da forma escolhida para o equipamento. A construção é muito bem feita: transmite solidez, tem encaixes precisos e não deixa um parafuso sequer à vista.

Para se tocar um CD, deve-se primeiro remover a maciça tampa da plataforma superior, deixando à mostra o receptáculo preto fosco que abriga o transporte do *player*. Em seguida, retira-se o *crimp* magnético, bastante leve; coloca-se o disco CD no transporte; e se reposiciona o *crimp* e a tampa. Um diminuto sensor impede o

CD de girar enquanto a tampa não for colocada. O *display* piscará por breves segundos e o número de faixas e o tempo total do disco será exibido em cor azul. A música pode ser iniciada a partir dos botões no equipamento ou do simples e funcional controle



remoto metálico que o acompanha. As conexões encontram-se na parte posterior do *player*: dois conectores RCA, dois XLRs, uma saída digital SPDIF e a entrada IEC fêmea para cabo de força destacável. Como os cabos devem passar entre o alumínio e a madeira para atingir os conectores (41 mm), poderá haver dificuldades se forem utilizados cabos grossos ou com conectores largos. Durante o teste, não foi possível utilizar o cabo de força **Eternity** da **Logical Cables** por esse motivo.

O **Droplet 5.0** foi ouvido ligado ao conjunto **Naim NAP 150** e **NAC 122x** com *power supply*, empurrando as caixas **Dynaudio Focus 140** ligadas com o cabo **Breeze** da **van den Hul**. Os cabos utilizados no CD *player* foram: **Logical Cables Milenium** e **Chord Indigo** de interligação, e **Furutech Reference III** de força. Os equipamentos foram ligados ao **AC Organizer LC-311**, utilizando fusíveis **Furutech** e cabo de força **Purist Audio Anniversary**.

Ao iniciar as audições, pude perceber que não havia características em evidência para serem comentadas,

prevalecendo a homogeneidade e o equilíbrio do conjunto nesse equipamento. A proposta sônica é muito mais sofisticada do que aquela do **CD 120**, porém, ao revisar minhas anotações do teste desse equipamento, percebi uma característica comum a ambos: a precisão rítmica.

Há aparelhos que parecem destacar os transientes na música, gerando resultados impressionantes com um número limitado de gravações e sacrificando as demais por falta de sutileza.

Definitivamente, não é esse o caso do **Droplet 5.0**, que consegue ser preciso e apresentar as mínimas variações rítmicas da execução musical.

Em *You Must Believe in Spring*, do pianista Bill Evans, pude observar boa extensão nos extremos e a faixa média realmente viva e presente. A qualidade das texturas nos agudos era boa, conforme observado na sonoridade dos pratos de bateria, na vassoura da bateria e nas notas mais agudas do piano, que se sobressaía aos graves. Estes eram, todavia, articulados e com bom peso e corpo harmônico. O circuito de saída com válvulas em nada compromete a resolução do CD *player*. Deve-se até tomar certo cuidado no *setup* para que o ajuste não passe do ponto, deixando o som analítico demais. Cuidado observado, o som será caloroso e muito pulsante.

Encorajado a colocar uma gravação 'da pesada' para ver como o **Droplet 5.0** se sairia, escolhi o disco *Terra Amantiquira* da Banda Mantiqueira. Quando iniciei a faixa 2 desse disco, Samba da minha terra/Saudade da Bahia, impressionei-me

com sua capacidade de retratar os planos criados por diferentes distâncias entre instrumento e microfones. A ambiência da gravação era recriada de maneira refinada e se tornava mais realista pelo ótimo piso de ruído do aparelho. O triângulo surgiu bem ao fundo, o baixo elétrico mais à frente e a bateria em um plano intermediário. À medida que os demais instrumentos iam entrando, cada qual em seu plano, a sensação era de que minha sala de audição ia sendo gradativamente preenchida pela *big band*. Apesar da grande quantidade de informações, ouvia-se muito bem o pandeiro, o chimbau da bateria e a percussão tocando simultaneamente, por exemplo. Durante os crescendos, que culminam em verdadeiras muralhas sonoras, o **Droplet 5.0** não endureceu nem 'segurou' os músicos. Estes ficaram 'lado a lado', sem folga, amontoados, porém sem colapsar. A timbragem dos metais era bela e a gravação foi reproduzida com muito *swing*.

Ouvindo o disco **Meddle**, gravação de 1971 do Pink Floyd, o **Droplet 5.0** mostrou não perder muitas de suas qualidades com gravações menos 'audiófilas'. Desde que não tenham sido estragadas por compressão mal feita, elas soarão pulsantes e envolventes. Fiquei surpreso com a tridimensionalidade do palco e a forma como certos detalhes da gravação, como o uso de *delays*, foram reproduzidos de maneira clara. Ao passar para gravações mais recentes, como o *Talking Timbuktu* do guitarrista malinês Ali Farka Toure,



é possível se observar menor ruído, maior limpeza, agudos mais definidos e extensos, transientes mais velozes, dentre outras diferenças. Contudo, o *player* consegue fazer com que a segunda gravação não se imponha de forma a desmerecer a primeira, permitindo que prevaleça o conteúdo musical e a 'pegada' dos músicos em detrimento de detalhes meramente técnicos.

Na reprodução de música clássica, o **Droplet 5.0** também se saiu bem, tendendo ligeiramente para um *approach* mais 'pop' do que purista. O palco é enorme e sua habilidade em representar bem os planos e obter boa profundidade se manteve. Notei um ligeiro engrandecimento do tamanho do acontecimento musical e uma qualidade enérgica, que fazia os instrumentos soar de forma rica e empolgante, mas não de maneira totalmente fiel à imagem de uma orquestra tocando. Isso é mais uma observação do que uma crítica, pois essa opção estética foi implementada com equilíbrio e coerência. Música ao vivo é uma coisa muito distinta de reprodução eletrônica, sendo relegada à segunda a possibilidade de revelar apenas algumas perspectivas da primeira.

Conclusão

Terminei o teste com a convicção de que o **Droplet 5.0** irá conquistar muitos admiradores, principalmente dentre apreciadores de reproduções impactantes e pulsantes. Com um conjunto equilibrado e excelente precisão rítmica, permite ouvir qualquer tipo de música. Elas soarão interessantes

e envolventes. Há razoável margem de manobra para temperar a sonoridade do aparelho conforme as preferências pessoais, basta escolher bem os cabos de interconexão e de força. Seu visual pode ser um ponto polêmico, afinal agradará a alguns e desagradará a outros. Não se pode negar, contudo, que as formas sejam harmônicas e bem desenhadas e que esse *player* jamais passará despercebido em sua sala. ■

Droplet 5.0

EQUILÍBRIO TONAL	9,5
SOUND STAGE	10,0
TEXTURA	9,5
TRANSIENTES	9,5
DINÂMICA	9,3
CORPO HARMÔNICO	9,5
ORGANICIDADE	9,5
MUSICALIDADE	9,5

TOTAL 76,3

Pontuação máxima, equipamento categoria DiamAnte: 80



Distribuidor: **Audio Uno**

(41) 3013-4876

Preço: US\$ 7.900